PRECARIATO CONTEMPORÂNEO: NOTAS SOBRE A (RE)PRODUÇÃO DA CULTURA DO TRABALHO INFORMAL NO CORRE

Francisco Antônio Zorzo¹
Vinícius Andrade Sousa²

Resumo: O mundo do trabalho atual, em sua complexidade, tem revelado diversas modalidades de atividades informais e precarizadas. Percebendo esse cenário de inúmeras expressões sociais e produtivas interconectadas, tais como o *bullshitjob* e o *corre*, propõe-se uma discussão sobre o modo como se produz uma cultura do precariado e das classes de baixa renda. Partindo de uma análise teórica sobre o trabalho informal no Brasil, a pesquisa destaca o *corre* popular urbano e o seu processo de produção de sentidos, de acordo com relatos dos próprios trabalhadores dessa modalidade. Para tanto, um grupo amostral de entrevistados se dispôs a relatar suas trajetórias e experiências na informalidade. Avançando nessa reflexão, constata-se nesse mundo do trabalho uma busca por autoconstrução e valorização dos sentidos produzidos no *corre*. A cultura das classes populares, pautada na informalidade e no *corre*, passa a ser (re)produzida e ressignificada no meio social e familiar, em diversas formas de criatividade, resistência, cidadania e interação social.

Palavras-chave: trabalho informal, precarização, *corre*, cultura popular

Introdução

O trabalho contemporâneo é misto e heterogêneo. Essa diversidade no mundo do trabalho reflete, estatisticamente, uma expressiva precariedade nas atividades laborais contemporâneas. Em tempos de pandemia, ficou ainda mais evidente o aumento das modalidades de trabalho sem seguridade trabalhista, com horas extensivas de trabalho, em modelos terceirizados e *uberizados*. Ressurgem os ofícios precarizados e mal remunerados, trabalhos expostos a risco, pouco desejados, ou indesejados, designando aos trabalhadores muitas tarefas temporárias, alienantes e repetitivas. Tal fenômeno da precariedade se estende no modo ambulante, havendo uma significativa institucionalização dos “*corres*” e dos “*bicos*”.

É a partir da percepção dessa realidade, levando em conta as causas contemporâneas da precarização do trabalho, tal como a diminuição do número de empregos em meio à flexibilização produtiva do mercado e a digitalização de

¹ Docente associado da UFBA/Ihac. fazfeira@gmail.com

² Discente da UFBA. Graduação em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. vinindrde@gmail.com

atividades, que se mostra necessário analisar qualitativamente fatores culturais, novos e tradicionais do trabalho informal. Enfatizando o *corre* popular urbano, o artigo propõe, a partir de um levantamento qualitativo, discutir as práticas sociais e os sentidos do trabalho informal que ampliam a cultura, a cidadania, e os processos de significação. Para tanto, foram feitas entrevistas com um grupo de estudantes, que relataram suas experiências e trajetórias no *corre*.

Propõe-se apresentar alguns dos principais traços do *corre* levantados na pesquisa, visando um esforço de resgatar e perceber potenciais significados na informalidade urbana brasileira. Há potencialidades marcantes: na presente abordagem constataram-se aspectos menos debatidos das atividades informais, como a criatividade e o imprevisto; em meio às transformações sociais das últimas décadas, mudou também a identificação social do trabalhador na informalidade.

Tendências do mundo do trabalho contemporâneo: A precarização de “corres” e “bullshitjobs”

Tempo é dinheiro? O capitalismo é, possivelmente, pautado nessa máxima. Nesse contexto, tem-se implicitamente (e até explicitamente, em muitos casos) que o trabalho é o fomentador desse sistema. Em outras palavras, há uma urgência do mercado em gerenciar o tempo, visando ampliar a margem de lucro. A produtividade do trabalho, seja com vínculo empregatício ou não, se apresenta como um dos principais recursos desse modo de produção. Nem sempre foi assim, mas hoje tornou-se um imperativo do sistema que contamina a sociedade de modo capilarizado. A agilidade da emergência da uberização das relações de trabalho, nas últimas décadas é prova disso.

Historicamente, para reparar as crises do sistema capitalista, em especial as da industrialização, surgiu o modelo da chamada produção flexível. Como se sabe, o sistema capitalista passou por uma intensa reestruturação produtiva baseado no “*just-in-time*” (na hora certa), inspirado na experiência japonesa de produção, se caracterizando por um trabalho polivalente, multifuncional, e qualificado (ANTUNES; DRUCK. 2013). Destacam-se a multivariada de funções, a qualificação do trabalho e a redução

de estoque de produção. Incorporadas nos mecanismos capitalistas, institucionaliza-se um conjunto de estratégias de coerção e adesão do novo modelo na sociedade.

Esse novo modelo de acumulação flexível de capital é reconhecidamente uma das causas para a eliminação de muitos empregos, para a precarização e para a redução de direitos trabalhistas. Ainda, o aumento da carga de horário de trabalho e a ampliação de atividades pouco desejadas, permitiram a gênese dos diferentes tipos de ofícios informais, temporários ou precarizados presentes na atualidade, que não se restringem ao Brasil: o fenômeno da “uberização”, os “*sofasurfing people*”, dos *corres* e dos *bullshitjobs*.

Por definição, o trabalho informal é a atividade laboral não regulamentada pelo estado, sem carteira assinada, com pouca (ou nenhuma) seguridade trabalhista prevista em lei. É nesse cenário que flui o corre popular urbano, os bicos e o trabalho instantâneo (às vezes até prolongado), não documentado. O trabalho não estável, temporário, sem vínculo empregatício comprovado é popularmente denominado “*corre*”, um termo que condensa a correria e o sofrimento da “galera” que luta por um lugar ao sol.

Fazer um “*corre*” é diferente de ter um trabalho fixo. É uma via de mão dupla: ao mesmo tempo que é informal e inseguro, é instável e incerto, com exigências extras no cumprimento das atividades. Em outras palavras, é *corre*, ou *bico*, pois não existe segurança jurídica e trabalhista adequada, e porque corre por fora, é um trabalho não formalizado em carteira assinada que exige procedimentos diversos; por outro lado, porém, é atividade em que se precisa correr, sendo criativo e resiliente, de ato em ato, para o sustento, às vezes, diário, devido à incerteza e a instabilidade da continuidade do acerto que lhe deu vida.

Nesse cenário surge a hipótese sobre a possibilidade de que, apesar das dificuldades presentes no “*corre*”, há um forte componente de satisfação pessoal com a autonomia do processo criativo do trabalho informal. Levantar esse argumento é somente possível devido três fatores ético-políticos: a) os relatos dos próprios trabalhadores do *corre*; b) a relevância econômica dessa produção laboral informal para a sociedade como um todo; c) o processo de produção de sentidos na informalidade (algo que será discutido posteriormente).

É interessante, por sua vez, destacar também o *bullshitjob*, pois tangencia de maneira complementar a temática aqui proposta. Por definição, o *bullshitjob* é caracterizado pelos novos ofícios que surgem devido a automatização dos trabalhos produtivos. É uma “nova” modalidade de trabalho que tem como objetivo prover apoio administrativo, técnico ou de segurança (GRAEBER, 2013 e 2018) numa rotina desgastante e repetitiva.

Sem sentido, sem propósito, alienado e “desnecessário”, os “*bullshitjobs*” na tradução literal são os “trabalhos inúteis”, de questionável necessidade existencial, institucionalizados com o avanço das novas tecnologias, da substituição de mão de obra, e das reformas políticas flexibilizantes. Aqui, é possível destacar atividades no setor de serviços, e nos ofícios corporativos, como telemarketing, entregadores de alimentos em aplicativos, ou úberes. Os “*bullshitjobs*” são formas de emprego em que o trabalhador, mesmo com uma significativa remuneração, não é feliz com suas atividades laborais.

O conceito criado por David Graeber (2018) remete uma crítica sobre o desgaste da subjetividade moral do trabalhador que desempenha rotinas compulsórias insuportáveis, sem um propósito evidente nas suas obrigações laborais. Com isso, há um crescimento de tarefas que pouco desenvolvem a liberdade criativa e intelectual do indivíduo empregado. A partir de uma análise sobre as consequências subjetivas dessa modalidade de trabalho para com os trabalhadores, enfatizando os efeitos morais e psicológicos dos *bullshitjobs*, o autor questiona a imposição do ideal de *homo economicus* e a exploração da mão de obra trabalhadora.

Assim, percebendo essas expressões da precarização e levando em conta outros aspectos contemporâneos do trabalho, é de suma importância enfatizar que a atual incidência da precarização é uma consequência de diversos fatores, como a flexibilização produtiva, a desregulamentação ou afrouxamento dos direitos trabalhistas, o advento das tecnologias no mundo do trabalho, e outros mecanismos de pressão. Aliás, no mundo atual, há uma conturbada relação entre gigantismo tecnológico e precariado. Vale lembrar que um dos únicos grandes atos políticos ocorridos durante a pandemia de Covid-19, em 2020, foi promovido por trabalhadores do corre. Em atos como o ocorrido em Julho de 2020, entregadores por aplicativos, fizeram uma greve, chamada “Breque dos Apps”. Eles reclamavam de empresas que contratam seus fretes,

como Ifood e UberEats, pedindo melhores condições de trabalho, como aumento do valor das entregas, vale-refeição, seguro e equipamentos de proteção contra a Covid-19.

Entender tais fenômenos históricos é essencial para perceber o aumento da precarização no Brasil. No que diz respeito ao aumento das formas de trabalho precarizadas, dados da PNAD e do IBGE mostram o aumento do trabalho precário após a reforma no Brasil. Há um aumento estatístico no trabalho autônomo por conta própria (consequentemente, no trabalho informal) e na terceirização.

Essa situação permite constatar que inúmeras pessoas enfrentam o desemprego e vivem do corre popular, se utilizando de estratégias para sobreviver. O trabalho autônomo informal no Brasil, após a reforma, apresenta que a tendência de crescimento iniciada em 2015 se mantém, e o trabalho autônomos atinge 25% da população ocupada em 2018 (FILGUEIRAS; LIMA; SOUZA. 2019), aumentando drasticamente no período da pandemia em 2020, de acordo com dados da PNAD Contínua, somando um contingente de 38 milhões de trabalhadores nessa modalidade.

Pela última pesquisa PNAD Contínua do IBGE, recém-publicada em 20/04/2021, o desemprego em 2021 atingiu novo recorde da série histórica, iniciada em 2012: 14,4 milhões de brasileiros estão procurando trabalho. O número de empregados com carteira assinada no setor privado (29,7 milhões de pessoas) caiu durante a pandemia de Covid-19. Cerca de 3,9 milhões de pessoas perderam os empregos formais no confronto com o ano anterior (2020), uma queda de 11,7% do contingente de trabalhadores dessa categoria.

Precariato contemporâneo: o corre e os sentidos e significados do trabalho para o trabalhador

“O trabalho não é apenas para subsistência, mas uma possibilidade para alcançar sonhos, conquistas, e oportunidades na vida estudantil”. A fala de um dos entrevistados da pesquisa expressa uma das várias concepções do trabalho a partir da visão dos trabalhadores autônomos, que possibilitam a gênese de novos sentidos para significar os ofícios sem carteira assinada. É com essa premissa que constatamos a existência do “*corre*” não apenas com características de subsistência, mas um “*corre*”

que possui elementos de identificação e pertencimento ao analisar as trajetórias laborais no trabalho informal. “Do ponto de vista psicossocial, a informalidade compreende igualmente uma diversidade de modalidades de interação, sociabilidades, trajetórias laborais, competências, motivações, sentidos e significados” (GOMEZ, 2011; SATO, 2013, SPINK, 2009; apud BENDASSOLLI, COELHO-LIMA; 2015).

Em resumo, o processo de criar novos sentidos a partir de trajetórias da informalidade torna possível a desmistificação de significados negativos impostos ao trabalho informal, e permite a valorização do árduo processo criativo, determinado, e corajoso presente nos “*corres*”. Um dos entrevistados, levando isso em conta, enfatizou ao explicar o que é o *corre* do trabalhador informal, dizendo que “*é corre quando há coragem de determinação*”. Aqui, é possível destacar a coragem e a autoreferência para produzir de forma criativa, “se virar” para enfrentar as dificuldades.

O artifício do “virar”, do “se virar”, mesmo com “o elogio da mistura e instabilidade, o prazer com a transformação constante do entorno” (p. 243), exigem do sujeito a invenção de “outros possíveis” (p. 244) (DIOGENES, PAIS, ALMEIDA; 2015). É factível ao fenômeno dessas atividades que se aprende fazendo, atua-se com o que se tem, e a cada projeto se pode mudar ou incorporar novas habilidades (DIOGENES, PAIS, ALMEIDA; 2015).

Nessa perspectiva surge a hipótese sobre a possibilidade de que, apesar das dificuldades presentes no “*corre*”, há um forte aspecto de satisfação pessoal com a autonomia do processo criativo do trabalho informal, algo pouco presente em ofícios formais, como citados anteriormente, em que o trabalho repetitivo e alienado é quase regra. Entrevistada, uma estudante da UFBA, disse que “*o trabalho informal é, também, um local de aprendizado, onde a pessoa consegue desenvolver suas habilidades, agir de forma criativa*”.

Ora, então, a partir da fala de vários entrevistados, percebe-se uma via de mão dupla: o trabalhador que vive do *corre* enfrenta diversas dificuldades, tais como a carga horária intensiva e exaustiva, além da falta de protetividade jurídica, como foi discutido em tópicos anteriores; mas, ao mesmo tempo, existe um desejo de permanecer no *corre* levando em conta a autonomia criativa, a sociabilidade, o pertencimento e a

possibilidade ascensão social e financeira. É a partir das falas de vários estudantes da Universidade Federal da Bahia, que conciliam o trabalho informal com os estudos que foi possível identificar aspectos psicossociais do trabalho contemporâneo, destacando as ontologias presentes no “*corre*” e no trabalho autônomo.

O processo de produção de significados no *corre*

A discussão sobre sentidos e significados torna-se cada vez mais iminente na medida em que a heterogeneidade do trabalho se expressa no cenário urbano e social. Schweitzer (2017) enfatiza a pluralidade de sentidos do trabalho na contemporaneidade, afirmando que o trabalho é “um fenômeno amplo, dinâmico e multifacetado que pode assumir diferentes concepções”.

Sabendo desse dinamismo e da complexidade das atividades contemporâneas, destacando o cenário informal, faz-se necessário perceber e constatar as várias concepções que se dão a partir das experiências sociais nas atividades informais, que se expressam principalmente, a partir da linguagem. O trabalho, então, historicamente, pode ser concebido como uma maldição ou castigo, como meio de sobrevivência instrumental, ou mesmo como missão, vocação ou fonte de auto realização (SCHWEITZER, 2017). Além disso, pode ser concebido na forma cultural e política, em que a concepção individual das atividades informais permite significativas contribuições para as discussões nesses dois campos.

As concepções negativas ou positivas, culturais ou políticas, são fruto de um processo histórico, social e econômico, que possibilitam, na vivência em sociedade, a produção de significados. É a partir desse fenômeno que surge uma questão: sentido e significado são a mesma coisa? Para muitos teóricos são termos distintos, que remetem aspectos subjetivos e objetivos nos estudos sobre o trabalho informal. A discussão sobre sentidos e significados refere-se à mediação, pela linguagem, entre consciência e realidade, sujeito e objeto, subjetividade e intersubjetividade (BENDASSOLLI, COELHO-LIMA; 2015). Em outras palavras, há uma consciência individual e coletiva sobre as atividades informais que se desenvolvem a partir da comunicação, tornando

possível a gênese de concepções diacrônicas diversas sobre as atividades laborais, que se alteram constantemente devido a dinâmica urbana e social.

Consciência individual, por um lado, pois existem diversos sentidos atribuídos ao emprego e ao desemprego, além da existência de uma vasta multiplicidade de formas de lidar com a situação de desemprego (SATO, 2013). Consciência coletiva, por outro lado, pois as diversas ontologias do trabalho informal permitem a formação de significados a partir da vivência em coletividade, levando em conta aspectos de solidariedade, algo fundamental para a manutenção dos trabalhos e das fontes de rendimento (SATO, 2013).

Os sentidos e os significados, estão, como discutido, atrelados ao processo de socialização, presente nas narrativas urbanas contemporâneas. É a partir de um movimento de internalização e externalização que o indivíduo se apropria das narrativas presentes na sociedade e as ressignifica, produzindo novos significados, que são compartilhados pela linguagem (BENDASSOLLI, COELHO-LIMA; 2015). Em suma, os sentidos são dinâmicos, instáveis e diacrônicos, enquanto os significados são estáveis, ao passo que a atividade laboral permite essa dinâmica entre as duas noções.

A atividade é a mediadora para os sentidos e os significados. É por meio dela que existe a dinâmica subjetiva (que torna possível definir o trabalho a partir das próprias experiências) e objetiva (a forma de produzir a partir das ontologias pessoais). A subjetividade, remete à memória do sujeito, os saberes, os aprendizados, as vivências, e os valores intrínsecos que carrega; elementos que se misturam no “*corre*”, interferindo objetivamente na forma de fazer o trabalho, de agir, de criar.

Assim, é seguro afirmar que o “*corre*” produz novos significados baseados na coletividade, na resistência, nas lutas, nas perdas, nas conquistas, e na criatividade. A ressignificação é necessária para a inclusão social e valorização da heterogeneidade do *corre*. É preciso entender que o *corre* pode ser uma oportunidade para a subsistência de indivíduos em classes sociais mais pobres, que precisam urgentemente de renda para sobreviver; e isso representa a possibilidade do surgimento de diferentes entendimentos sobre o trabalho.

Ainda, mesmo que não haja o elemento afetivo para com as atividades laborais, é inegável, nesse cenário, o desenvolvimento de elaboradas táticas individuais e

coletivas de sobrevivência que provam a intensidade da palavra “se virar”. Toda essa dinâmica perpassa por sentidos individuais, em que somente a partir das falas dos próprios profissionais, será possível entender e produzir significados mais justos e representativos.

O indivíduo, portanto, faz o *corre* para sobreviver, e por vezes, por conta das suas experiências, alcança determinado sentido nas suas atividades de forma afetiva, com um olhar positivo, apesar dos problemas, contornando significados impostos ao ofício informal de forma negativa (estigmas). Isso vale muito para os chamados *corres* ilícitos e malditos, como o transporte de droga ou a prostituição.

Entrevistas: cultura, cidadania e criatividade no corre

Para fazer uma discussão sobre o trabalho contemporâneo, foram feitas entrevistas a partir da visão dos próprios trabalhadores nessas modalidades. Um dos grupos focais da pesquisa PIBIC, são (ou foram) estudantes da Universidade Federal da Bahia. Eles relataram sobre o desafio de conciliar o estudo com o trabalho sem carteira assinada e precarizado. A partir dos relatos, destacaram-se, fortemente, os mecanismos de criatividade, de resistência, de aprendizado e de reprodução da cultura nas experiências do *corre*.

As entrevistas foram divididas etapas, a partir de um questionário qualitativo pré-estabelecido. As perguntas feitas visavam destrinchar as seguintes questões: a) a trajetória do entrevistado e as experiências no *corre*; b) desvendar as diferentes possibilidades de autonomia criativa no *corre*; c) estratégias criativas de sobrevivência e de comercialização; d) os sentidos pessoais e as questões subjetivas envolvidas no trabalho do entrevistado; e) reprodução cultural do trabalho no meio familiar e social.

Os entrevistados se voluntariaram para participar, contribuindo de forma espontânea para a pesquisa. Todos os entrevistados, até então, são (ou foram) estudantes da Universidade Federal da Bahia de diferentes cursos (Bacharelado Interdisciplinar, Odontologia, e pós graduação).

As trajetórias de trabalho de todos os entrevistados seguiram em uma linha argumentativa semelhante, em que todos os estudantes iniciaram os trabalhos por

necessidade. “Quando a filha nasceu, precisava de dinheiro fixo. Começou a pandemia, decidimos adiantar um trabalho com vendas de doces na faculdade, enquanto a quarentena permitiu fazer trabalhos virtuais” comentou Juliana, estudante de Odontologia. Caio, graduado em de B.I. de Humanidades, e estudante de Economia pela UFBA, afirmou sobre “o desejo pela independência e a necessidade de renda para se manter”. Durante a graduação, participou de bolsas de monitoria, mas não foi suficiente: precisava ampliar a fonte de renda: Em 2018 colocou, de maneira informal, uma barraca de sanduíches artesanais no bairro de Ondina, dentro da universidade, com um sócio cozinheiro. Fabiana, por sua vez, enfatizou que seu trabalho de confeitaria surgiu, inicialmente, como “uma necessidade de permanência estudantil”.

Questionados sobre a possibilidade de fazer um trabalho criativo no *corre*, percebe-se uma maioria expressiva de relatos afirmando sobre o entusiasmo de poder criar, inventar, e desenvolver aprendizados nessas atividades. Jamilson, estudante da pós-graduação na UEFS, e formado no Bacharelado Interdisciplinar em Artes, ao relatar sobre seu trabalho como grafiteiro e tatuador que “não foi algo escolhido por mim, foi algo que me escolheu”. O entrevistado enfatizou que descobriu diversas habilidades artísticas como grafiteiro, desenvolveu autodidatismo. Jamilson fala que existe um processo criativo no seu trabalho a partir de *insights* de fenômenos sociais, políticos, e culturais, que posteriormente serão tratados em suas produções artísticas.

A temática seguinte, não menos importante, diz respeito ao sentidos e percepções do trabalho pelos próprios trabalhadores. É possível destacar duas formas de respostas diferentes entre os entrevistados: o primeiro grupo reconhece o trabalho informal na modalidade do *corre*, em seu sentido político, cultural e social; enquanto o outro afirma seu trabalho como um negócio, ou empreendedorismo.

Caio entende o *corre* quando o trabalho é feito em uma logística menor, quando há “preço de corre”. Enfatiza que seu trabalho poderia ser um *corre* pois, para ser corre, “é preciso de coragem e determinação”, afirmou. Jamilson, em consonância, percebe seu trabalho como um *corre*, um trabalho incerto, que precisa de entusiasmo para acontecer, sua fonte de sobrevivência. Outro grupo entende de forma contrária, afirmando questões de empreendedorismo, com uma visão de negócio, apesar das dificuldades da informalidade.

A vivência dos entrevistados incide sobre a possibilidade de aprendizado na informalidade, de autodidatismo e liberdade criativa: *“O trabalho informal é, também, um local de aprendizado, onde você consegue desenvolver suas habilidades, agir de forma criativa e produzir seus produtos com autonomia, algo que não conseguia fazer antes em atividades formais que trabalhei no passado”*, afirmou Fabiana. Existe, sem dúvida, um elemento subjetivo que permite o trabalhador se identificar com seu trabalho: *“o cliente precisa perceber a emoção no trabalho”*, afirmou Jamilson.

Por último, os entrevistados foram questionados sobre as questões culturais, sobre como o trabalho influencia culturalmente outros grupos sociais, e sobre como são influenciados. *“Há uma capacidade de conexão principalmente entre a comunidade, tem muita troca, existe conexão entre as pessoas do cotidiano”*, disse um dos entrevistados, sobre a possibilidade de socialização cultural e política do *corre*. Outro grupo de entrevistados enfatizou que iniciou os trabalhos com ajuda da família, ou ajudando a família.

Considerações finais

O mundo do trabalho urbano está sob um forte processo de tensão no Brasil, o que gera novas formas de compromissos sociais e de produção coletiva. Tais processos complicadores, dentre os quais a pandemia de Covid-19, tecem novos sentidos para o modo de vida, gerando conflitos urbanos, expressões culturais e muitas ações significativas de resistência social. Todo o esforço analítico renovado deve ser utilizado aqui para contemplar um ponto de vista não-hegemônico, cujas as propostas políticas serão acompanhadas por um olhar periférico, algo alternativo e para fora do *mainstream* e do que é tratado correntemente por uma visão conservadora do trabalho.

Nas linhas dessa premissa faz-se necessário destacar o argumento de que as classes populares e o proletariado urbano que vive do *corre*, inseridos em seu contexto social, desenvolve uma cultura, em que a experiência informal se torna um aprendizado, uma apropriação, e até mesmo uma forma de resistência. Esse argumento ético e cultural do trabalho à luz dos estudos elencados no presente artigo, afirma a possibilidade de desenvolvimento subjetivo no mundo do trabalho, em que o

trabalhador abraça temas operários e os transforma de maneira criativa, reproduzindo aspectos da cultura nas práticas e na convivência urbana.

Isso é revelado nas redes de conexão e interação da comunidade em que a atividade informal dá voz para o trabalhador, que se sente pertencente a uma cultura do trabalho. É possível argumentar, também, sobre uma cultura diferente dos significados hegemônicos pré-estabelecidos no mundo do trabalho com vínculo empregatício, que são ressignificados a partir dos novos sentidos desenvolvidos pelas próprias classes populares que vivem do *corre*. Trata-se de uma cultura, em boa parte, anti-conformista e resistente, que se espalha no meio social, e até mesmo no contexto familiar.

É correto afirmar que, apesar da dureza do trabalho na informalidade, tal como em outros ofícios precarizados, como nos *bullshitjobs*, os trabalhadores buscam resgatar o seu significado, ou sentido, e impõem referenciais de sua cultura, exercitando suas capacidades e buscando prazer nas atividades. Contraditoriamente, eles tramam, através da experiência cansativa do trabalho mal remunerado, uma cultura viva que em nada se associa à ideia de derrota (FRESHSE, GOMES, MAIA, SANTOS; 2000).

É de suma importância perceber a cidadania, a cultura, e os significados emergentes nas expressões do trabalho contemporâneo, de maneira a valorizar o processo criativo e a força inovadora do *corre*, as trajetórias da informalidade, que apesar das dificuldades, possui resistência, cultura e dignidade.

Referências

ANTUNES, Ricardo; DRUCK, Graça. *A terceirização como regra?* Revista do Tribunal Superior do Trabalho, São Paulo, v. 79, n. 4, p. 214-231, out. /dez. 2013.

BENDASSOLLI, Pedro F.; COELHO-LIMA, Fellipe. *Psicologia e trabalho informal: a perspectiva dos processos de significação*. Psicol. Soc., Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 383-393, Ago. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822015000200383&lng=en&nrm=iso.

DIOGENES, Glória. PAIS, José Machado; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de (Org.). *Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 293 p. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 21, n. 43, p. 417-421, Jun. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832015000100417&lng=en&nrm=iso.

FILGUEIRAS, Vitor Araujo; LIMA, Uallace Moreira; SOUZA, Ilan Fonseca de. *Os impactos jurídicos, econômicos e sociais das reformas trabalhistas*. Cad. CRH, Salvador, v.32, n. 86, p. 231-252, Ago. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792019000200231&lng=en&nrm=iso.

IBGE/PNAD. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30599-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-14-4-e-taxa-de-subutilizacao-e-de-29-2-no-trimestre-encerrado-em-fevereiro>

EL PAÍS. <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-02/entregadores-de-aplicativos-fazem-primeira-grande-paralisacao-da-categoria-no-brasil.html>

FRESHSE, Eike; GOMES, Nilma Lima; MAIA, Deise; SANTOS, Liliam Abram dos. *WILLIS, Paul. 1991 Aprendendo a ser trabalhador: Escola, Resistência e Reprodução Social*. Porto Alegre: Artes Médicas. 241 pp. Revista Meditações Londrina v.5, n.2, p. 211-231, Jul./dez. 2000

Graeber, David. *Bullshit jobs: a theory*. New York: Simon & Schuster, 2018.

Graeber, David, 'On the Phenomenon of Bullshit Jobs'. In: Strike! Magazine. Londres. Agosto de 2013. Disponível em: <https://www.strike.coop/bullshit-jobs>.

SATO, Leni. *Recuperando o tempo perdido: a psicologia e o trabalho não regulado*. Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho, 16(spe1), p. 99-110. 2013.
<https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v16ispe1p99-110>

SCHWEITZER, Lucas. *Os sentidos do trabalho para trabalhadores informais em situação de rua*. Florianópolis. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.